

Ministério de Relações Exteriores da Rússia tenta ajudar Venezuela

Rússia diz que escalada da tensão na Venezuela pode ter ‘consequências imprevisíveis’

A Rússia afirmou nesta quarta-feira (17) que as tensões em torno da Venezuela podem ter “consequências imprevisíveis para todo o Ocidente”, em referência à escalada do conflito entre o país latino-americano e os EUA.

O Ministério das Relações Exteriores da Rússia disse esperar que se evite uma escalada ainda maior. Para Alexander Shchetinin, diretor do Departamento para a América Latina da pasta, a situação pode trazer riscos para todo o Hemisfério Ocidental e seria um erro crítico.

Ele acrescentou que o povo venezuelano atravessa “tempos difíceis”. “Confirmamos nosso apoio às políticas do governo Nicolás Maduro, voltadas para a proteção dos interesses nacionais e da soberania da pátria”, falou.

A manifestação da Rússia ocorreu logo após Donald Trump anunciar um bloqueio “total e completo” de todos os navios petroleiros venezuelanos sob sanção. Na rede Truth Social, o republicano disse que o governo venezuelano foi designado pelos EUA como “organização terrorista estrangeira” e justificou a decisão com acusações de terrorismo, tráfico de drogas, contrabando e tráfico de pessoas.

Há uma semana, o presidente russo Vladimir Putin já havia falado com Maduro ao telefone para reafirmar seu apoio. O presidente russo disse ao líder venezuelano que “os canais de comunicação direta entre



Parceria entre Rússia e Venezuela cria mais um capítulo na tensão global com os Estados Unidos

as duas nações permanecem permanentemente abertos” e garantiu que a Rússia continuará apoiando a Venezuela.

Os dois líderes são aliados e anunciaram uma reaproximação em maio após um tratado de cooperação. Os países teriam assinado projetos russo-venezuelanos, especialmente nos setores econômico, energético e comercial -mas sem especificá-los.

Entenda o bloqueio

Decisão foi anunciada uma semana após os EUA apreenderem um petroleiro na costa venezuelana. Isso, na prática, já vinha funcionando como um embargo informal. A partir de então, navios carregados

com milhões de barris de petróleo permaneceram em águas venezuelanas para evitar o risco de apreensão.

Ontem a Venezuela havia denunciado ao Conselho de Segurança da ONU o “roubo” daquela embarcação. Os EUA apreenderam o petroleiro como parte de suas operações militares no Caribe, e Washington afirma que o navio era usado em uma “rede ilegal de envio de petróleo que apoia organizações terroristas estrangeiras”. A Venezuela, por sua vez, chamou a ação de “ato de pirataria naval”.

Ainda não está claro como o bloqueio será imposto na prática, nem se o governo americano usará a Guarda Costeira ou forças militares para interceptar embarca-

ções. Nos últimos meses, os EUA deslocaram milhares de soldados e quase uma dúzia de navios de guerra para a região, incluindo um porta-aviões.

O país repudiou a decisão do republicano ainda ontem. A declaração foi dada pela vice-presidente, Delcy Rodríguez, em um comunicado à imprensa publicado na mídia estatal venezuelana.

Caracas argumenta que o bloqueio “revele as verdadeiras intenções” de Trump. “O presidente dos Estados Unidos pretende impor de maneira absolutamente irracional um suposto bloqueio militar naval à Venezuela com o objetivo de roubar as riquezas que pertencem à nossa Pátria”, indicou.

Escalada retórica e militar

Trump afirmou que a Venezuela está cercada por forças militares dos EUA. Segundo a CNN, o presidente disse que o país está rodeado pela “maior armada já reunida na história da América do Sul” e sugeriu que o contingente militar na região ainda pode aumentar.

O presidente dos EUA passou a classificar o governo Maduro como “regime ilegítimo” ao justificar o bloqueio. Ele acusou Caracas de usar receitas do petróleo para financiar tráfico de drogas, terrorismo, tráfico de pessoas, assassinatos e sequestros.

As autoridades de Washington afirmam travar um “conflito armado” contra os cartéis de drogas, mas não apresentaram evidências concretas do envolvimento das embarcações atacadas, o que levou a ONU, especialistas e ONGs a questionarem as operações. A campanha americana destruiu 26 lanchas e afeta especialmente a Venezuela. Trump insiste que o objetivo é combater o narcotráfico, enquanto seu homólogo da Venezuela afirma que a campanha é um pretexto para tentar derrubar o governo em Caracas.

Medida de ontem teve efeito imediato no mercado de petróleo. Os contratos futuros do petróleo bruto dos EUA subiram mais de 1% nas negociações asiáticas, para US\$ 55,96 (R\$ 308,30) o barril. No fechamento anterior, o preço havia atingido US\$ 55,27 (R\$ 304,50), o menor nível desde fevereiro de 2021.

Putin quer expandir zona tampão em área da Ucrânia

O presidente da Rússia, Vladimir Putin, afirmou nesta quarta-feira (17) que irá expandir uma zona tampão nas regiões em que a Ucrânia faz fronteira com seu país para evitar futuros ataques de Kiev. A área não faz parte das demandas públicas do Kremlin para acabar com a guerra que iniciou em 2022.

Putin já havia dado a ordem para estabelecer o tampão em 2024 e, novamente, neste ano. Sua expansão sugere mais um item nas mesas de negociação promovidas pelo Donald Trump nas últimas semanas ou, como o discurso do russo deixou claro, a disposição de seguir o conflito.

O líder discursou durante o en-

contro anual com o comando do Ministério da Defesa, em Moscou. “Os objetivos da operação militar especial serão sem dúvida atingidos. Nós preferiríamos fazer isso e tratar das raízes do conflito por meio da diplomacia”, disse, elogiando Trump e criticando os europeus.

“Se o lado oposto e seus patrões estrangeiros recusarem discussões substantivas, a Rússia vai alcançar a libertação de suas terras históricas por meios militares. A tarefa de criar e expandir uma zona de segurança tampão será feita de modo consistente.”

No vaivém de discussões sobre um plano de paz, os EUA sugeriram a criação de uma área desmilitariza-

da nos 20% da região de Donetsk que Kiev ainda controla. Só que não era esse o ponto de Putin, como a fala subsequente do ministro Andrei Belousov (Defesa) explicitou.

Ele disse que a zona tampão será estabelecida na fronteira nordeste ucraniana, para evitar novas invasões como a promovida por Zelenski na região de Kursk (sul russo), repelida após oito meses em maio passado. E citou nominalmente o bastião de Kupiansk, na província

de Kharkiv.

No fim de novembro, a Rússia anunciou a conquista da cidade. A Ucrânia contra-atacou e, nesta quarta, afirmou ter retomado 90% do local. Belousov negou, e disse que ainda tem o controle do local, apesar dos ataques dos rivais.

A atenção dada de lado a lado mostra a importância do tema. Kharkiv e Sumi, regiões do nordeste ucraniano que fazem fronteira com a Rússia, não estavam listadas como

objetivo de guerra na minuta apresentada pelo Kremlin em junho.

Em ambos os locais há pequenos trechos controlados por Moscou, que Putin agora quer expandir. Oficialmente, o russo anexou de forma ilegal em 2022 Donetsk e Luhansk, no leste, além de Zaporizhia e Kherson, ao sul. Desses, controla respectivamente 80%, 100%, 75% e 75%.

No imaginário russo, deveriam estar sob controle de Moscou também Kharkiv, cuja capital homônima é a segunda maior cidade do vizinho, Mikolaiv e Odessa, na costa do mar Negro. O Kremlin até bancou a publicação de um livro didático para ser distribuído em Kharkiv, a exemplo do que fez nas outras quatro regiões anexadas.

Putin e Belousov retomaram o otimismo dos anúncios recentes, anotando vitórias em pontos importantes da frente de batalha, como Donetsk e Kharkiv. “As Forças Armadas liberaram mais de 300 assentamentos e mais de 6.000 km² no ano, um terço a mais do que em 2024”, disse o presidente.



Ucrânia está diante de um novo e complexo desafio na guerra